

Refletindo a representação midiática e a autopercepção das mulheres periféricas através do projeto Mulheres de Atenas¹

Clara Celina Ribeiro da ROSA²

Lunara Rosa DUARTE³

Silvia Porto Meirelles LEITE⁴

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

Os problemas refletidos contemporaneamente através dos meios de comunicação, como a propagação de padrões de comportamento e exclusão refletem longa jornada sócio histórica. Esse artigo, na tentativa de esmiuçar tal análise faz uso dos relatos recolhidos pelo projeto de comunicação comunitária Mulheres de Atenas, o qual reúne entrevistas de idosas residentes da periferia pelotense. Através de tais entrevistas, demonstra-se o quanto o distanciamento de tais senhoras dos meios de comunicação é sintomático de toda uma trajetória de exclusão social, a qual tende a ser internalizada e reflete-se na autopercepção das mesmas. A partir disso, atenta-se para a responsabilidade dos meios de comunicação, na medida em que esses propagam visualizações de mundo e para a importância dos projetos de comunicação comunitária, enquanto agentes mediadores de inclusão comunicacional.

Palavras-chave: Representação midiática; Comunicação Comunitária; Gênero; Periferia; Mulheres de Atenas.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as informações recolhidas através das entrevistas realizadas no Projeto Mulheres Atenas, o qual foi implementado com mulheres idosas do Bairro Balsa da cidade de Pelotas/RS. Refletindo, a partir disso, sobre a condição social das mulheres periféricas e como essa é abordada nos meios de comunicação, influenciando a autopercepção das mesmas.

Tenta-se, em um primeiro momento, através de reflexões a respeito da construção de representações e gênero propostas por Bourdieu (1977) e Beauvoir (1980),

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail: claraa_1995@hotmail.com

³ Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail: lunara.d@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: silviameirelles@gmail.com

demonstrar que a situação de invisibilidade e distanciamento dos meios de comunicação a qual as entrevistadas são submetidas reflete um longo processo sócio histórico.

A partir disso, demonstra-se, através de análises dos relatos, baseadas nas contribuições das noções de princípio sistêmico e holográfico, propostas por Morín (2002, 2003), e de reflexões da Somaterapia de Roberto Freire (1993), o quanto os indivíduos tendem a internalizar os discursos propagados socialmente.

Em contrapartida à internalização de padrões sociais, reflete-se sobre a responsabilidade dos veículos de comunicação, na medida em que esses divulgam relatos que tencionam uma visualização individualizada de sujeitos marginalizados, eximindo o público e o estado de responsabilidade social. Como tais indivíduos já se encontram excluídos dos meios de comunicação, tendem a permanecer invisibilizados.

Ressalta-se, portanto, a importância de projetos como o Mulheres de Atenas e da comunicação comunitária como um todo, na medida em que possibilita inclusão comunicacional e o estabelecimento de vínculos humanos entre realidades distintas.

Mulheres de Atenas – O Cotidiano das Mulheres Periféricas Pelotenses da Balsa

O projeto Mulheres de Atenas (imagem 1) foi elaborado pelas graduandas Clara Celina e Lunara Duarte na disciplina de Jornalismo Comunitário ministrada pelo professor Carlos Dominguez, do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas no semestre 2016/1.



Imagem 1: capa do folhetim elaborado com o logo do projeto.

Realizado a partir de entrevistas com mulheres idosas, moradoras do bairro da Balsa – localizado ao lado do campus Porto da UFPel -, o projeto tem o intuito de ouvir, propagar e refletir sobre suas histórias de vida. A partir disso, o Mulheres de Atenas busca estabelecer intercâmbio com a universidade e possibilitar a inserção das mesmas no contexto comunicacional e educacional, pois percebe o paradoxo da universidade se localizar no prédio do antigo Frigorífico Anglo, ao lado do bairro da Balsa (Imagem 2), onde muitos de seus moradores trabalharam - como ilustram as entrevistas -, e aos quais o estudo foi negado.

que eu trabalhava eram pra fora. Eu tirava leite, cortava pasto... Isso aí criança ainda. (Selma, 76 anos⁵)

Aí fiz rapidinho até o quinto ano da escola, eu fazia rapidinho porque eu já era quase adulta, tinha 13 anos na época. (...) Depois que eu casei tudo se modificou e eu parei de ir muito para o interior visitar minha família e parei de estudar de vez. (Odete, 69 anos)

Eu comecei a trabalhar na roça desde pequena. Depois com 15 ou 16 anos eu vim trabalhar aqui em Pelotas. (...) Aí com 15 anos eu me casei, tive uma filha, só que em menos de um ano eu fiquei viúva. Com 17 ou 18 anos eu casei de novo e tive quatro filhos com esse outro marido. (Tânia, 80 anos)

Após o recolhimento das entrevistas, foram produzidos folhetins com os relatos, fotos das entrevistadas e versos as homenageando. As entrevistas foram expostas em murais pela universidade, os folhetins produzidos foram distribuídos em bibliotecas comunitárias e entregue à câmara de vereadores de Pelotas.

Além disso, foi realizado debate sobre a condição da mulher com alunas do ensino médio da escola estadual Félix da Cunha⁶ a partir de uma leitura coletiva das entrevistas e foram entregues lembranças com as fotos tiradas e os versos elaborados para todas as senhoras entrevistadas.

Mídia e Representação: A construção de gênero e a propagação contemporânea de velhas normas sociais

Através das entrevistas recolhidas no projeto Mulheres de Atenas com senhoras acima dos 60 anos percebe-se o quanto as representações construídas em torno do que é ser mulher e a marginalização relacionada às que habitam a periferia e/ou são menos favorecidas economicamente perpassam os discursos midiáticos contemporâneos. Esses logicamente muito lhe dizem respeito, mas apenas porque reforçam e engendram padrões culturais e construções sociais.

Um exemplo mais claro da propagação de padrões de opressões na contemporaneidade pode ser visto através das reflexões de Marilda de Lara (2003) em seu artigo Disseminação da Informação e Usuários. Segundo a autora, “não é arriscado estabelecer uma relação direta entre poder econômico e inclusão digital”. Todavia, tal

⁵ Os nomes das entrevistadas utilizados nesse artigo foram modificados com o intuito de manter suas identidades preservadas.

⁶ A escola Felix da Cunha também se localiza na região do Porto de Pelotas, relativamente próxima ao bairro da Balsa. Suas alunas, no geral, também habitam a periferia pelotense, o que, apesar da diferença temporal, lhes confere certas similaridades no que tange as perspectivas de vida.

processo passa despercebido, pois “como quem não tem voz não reclama [...] advém a impressão de que o acesso à internet está universalizado” (LARA, p. 31, 2003).

Aplicando o exemplo às senhoras residentes da balsa pelotense, a falta de inclusão digital se trata de apenas mais uma forma de exclusão que se tornou possível com o advento dos meios virtuais na contemporaneidade. O processo de distanciamento dos meios de comunicação que lhes diz respeito se confunde com e reflete um problema sócio histórico.

Da mesma forma, as propagações de “padrões de gênero”, tema que atualmente se tornou amplamente debatido com a popularização do movimento feminista, equivalem a representações através das quais suas identidades há muito já são culturalmente edificadas. A forma com que as mulheres são representadas se trata de uma revalidação da ideologia hegemônica que acabou por ser impulsionada através dos recursos midiáticos. Como demonstra Silva (2000), as representações são um sistema arbitrário de significação linguística e cultural intimamente ligado a relações de poder.

Fixar uma identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas como a identidade. (SILVA, 2000, p. 83)

Os relatos recolhidos no projeto Mulheres de Atenas evidenciam a internalização do discurso de que a esfera doméstica e o comportamento de submissão ao sexo masculino fazem parte de um “destino biológico”. Tal ato reflete a difusão de normativas de comportamento baseadas em diferenças biológicas que constitui um dos pilares da dominação masculina ainda vigente.

O sistema de dominação masculina precede os meios de comunicação de massa e, em nossa cultura ocidental, possui um modos operandi específico. O termo gênero, inicialmente adotado por sexólogos e posteriormente por teóricas feministas, designa

uma construção ideológica alicerçada em “características que derivam da política e não da biologia” (JEFRREYS apud HAIG, 2013, p.7). Existe, portanto, uma hierarquia sexual que legitima a subordinação das mulheres como algo intrínseco à sua própria natureza e nega direitos básicos ao grupo subjugado.

Conforme Beauvoir (1980, p.9) “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume na sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. Tais construções podem ser visualizadas através da publicidade midiática contemporânea, que muito comumente encaixa as mulheres em estereótipos que tendem a lhes objetificar, seja através de representações hipersexualizadas ou servis.

Ocorre que tais construções tendem a se agravar quando aplicadas à realidade das mulheres periféricas. Elas têm a sua identidade circunscrita a aspectos superficiais: incultas, histriônicas ou provedoras do lar. Há uma exaltação de pretensa força e dureza para encarar as adversidades que perpassam a exclusão social. Como pontua Bourdieu, a “necessidade é transformada em virtude” (SOUZA apud BOURDIEU, 2009, p. 179).

E, tendo em vista que grande parte do movimento feminista se mobiliza através de núcleos universitários e redes virtuais, o acesso a tais discussões dificilmente chega às classes menos favorecidas, as quais, como citado acima e evidenciado através do Mulheres de Atenas, nem sempre possuem acesso à internet, e ainda menos à universidade. Dessa forma, entende-se que ainda que tenha crescido o debate em torno da propagação de representações femininas nocivas, muito pouco se discute a respeito da situação estrutural de mulheres em condição econômica e social desfavoráveis.

É na tentativa de compreender tais mulheres e crescer o debate para situações emergenciais que se pretende aqui analisar os relatos recolhidos através do projeto Mulheres de Atenas. Espera-se, através disso, entender a forma com que padrões comportamentais degradantes tendem a ser internalizados e refletir estratégias de intervenção possíveis no que se refere ao campo da comunicação.

A Autopercepção das Mulheres Idosas da Balsa

Em seu artigo *O Pequeno Grupo e o Paradigma da Complexidade* em Edgar Morín, Míriam Alves (2006) disserta a respeito dos conceitos de princípio sistêmico e hologrâmico, os quais denotam a conexão e interdependência entre as partes e o todo, fazendo com que ambos se espelhem. “A sociedade, por exemplo, conforme este princípio [hologrâmico], está presente em cada indivíduo por meio da cultura, da linguagem etc, assim como cada indivíduo contém em si as características da sociedade da qual pertence.” (ALVES, p. 5, 2006)

De acordo com Morín (2003), tais princípios dariam origem a um conceito de autonomia complementar e, concomitantemente, antagônico ao de dependência, na medida em que “[a] autonomia do indivíduo/sujeito, sendo dependente do ambiente onde vive, depende de sua ascendência genética e da sociedade em que se inscreve” (MORÍN apud ALVES, p. 7, 2006)

Tais princípios serão aqui utilizados na análise dos relatos, a fim de tentar compreender a forma com que as entrevistadas aprenderam a se comunicar com o mundo e, conseqüentemente, perceber a si mesmas. Entre os pontos marcantes dos relatos recolhidos no projeto *Mulheres de Atenas*, destaca-se a similaridades entre as histórias, nas quais pelo menos quatro das cinco participantes ressaltaram a vivência de casamentos mal sucedidos e a limitação de suas vidas aos cuidados do lar.

“Quando a gente pega um marido ruim, a coisa fica feia. (...) Eu acho que minha vida foi boa até o dia que eu casei. Depois, a única coisa boa que aconteceu na minha vida foram meus filhos que são extraordinários. E minhas netas e netos.” (Relato de Odete ao projeto *Mulheres de Atenas*)

Os elementos do relato acima e os princípios de Edgar Morín (2003) também se enquadram dentro da perspectiva da Somaterapia de Roberto Freire, de acordo com a qual a família reproduz os valores do estado. Para que tal reprodução obtenha êxito, se faz uso da “ideologia do sacrifício (neurose)”, na qual se exige o sacrifício das vontades e potências humanas para que se obtenha aceitação social. Dessa forma, a organização familiar “torna impossível a plena realização vital de um indivíduo” e “limita-se a liberdade e o desejo através do amor” (FREIRE, p. 5, 1993).

Ou seja, tal qual anteriormente citamos Bourdieu (1977) e a transformação da necessidade em virtude, as idosas, impedidas de acessar outros tipos de liberdade, só podem vivenciá-la através do amor familiar, da dedicação ao lar. Assim demonstram os relatos, nos quais a felicidade quase sempre se limita à relação com os filhos ou netos e a capacidade de resiliência torna-se mérito. As senhoras tenderam a se vangloriar pela superação do trabalho exaustivo na fábrica, a administração do lar, a unilateralidade da dedicação aos filhos, pela superação da fome, etc.

Tendo como objetivo a compreensão das entrevistadas a partir do princípio holográfico, torna-se necessário levar em consideração também a constituição histórica de nosso país. De acordo com Ana de Paula (2009), o Brasil pode ser considerado uma sociedade autoritária, pois “esteve sob o jugo de ditaduras e desfrutou de um débil regime democrático” (PAULA, p. 9, 2009).

Daí que a autora faça uso das reflexões de Marilena Chauí (1989), e afirme que “as assimetrias sociais e pessoais são, imediatamente, transformadas em relações de mando e obediência” e confirme nossa tese baseada no princípio holográfico e na somaterapia, pois “... a sociedade civil também está estruturada por relações de favor, tutela e dependência, imenso espelho do próprio estado e vice-versa.” (CHAUÍ apud PAULA, p. 9, 2009)

Helena Hirata (2007) em seu artigo *Divisão Sexual do Trabalho*, pontua ainda que foi estabelecido um modelo “tradicional” que limitava as mulheres à família e ao papel doméstico, enquanto aos homens cabia a posição de provedor. Já no que a autora chama de “modelo de conciliação” cabe às mulheres conciliar vida familiar e profissional. A ausência ou presença esporádica dos parceiros, com o agravante da pobreza, coloca as mulheres periféricas em uma situação particular de invisibilidade.

Os jogos de poder que perpassam a estrutura familiar se tornam nítidos nos relatos, como no de Tânia, que conta a história de quando seu marido lhe deu um vestido de presente e a levou ao encontro da amante sem que ela soubesse, para exibir que possuía uma esposa bonita:

“[...] [U]m dia ele me disse “vou comprar tecido pra você fazer um vestido”. [...] Comprou uma sandália, comprou uns brincos, aí eu pensei “não pode, não tem festa nem nada, aí tem coisa”. Um dia ele me chamou para ir à tia dele. Eu fui. [...] tinha uma morena bonita lá. [...] Bom, era visita da tia dele, conversei com ela toda contente e alegre. No outro domingo, a tia dele [me disse]: “você viu aquela mulher que estava lá? Era “amiga” dele. [...] Ele levou você lá só pra ela ver como você era bonita como ele tinha dito.” Eu podendo apanhar e ele me levou lá, acredita?” (Tânia em entrevista ao projeto Mulheres de Atenas)

Ou no de Odete, que conta a recusa do marido em leva-la para passear; ou ainda no de Selma, que foi impedida de estudar:

“Minha mãe não me deixava ir para o colégio porque na época só os homens podiam estudar.” (Selma em entrevista ao Mulheres de Atenas) / “Quando eu era mais nova, eu pedia para ele me levar para passear e ele dizia que levar mulher no baile era o mesmo que cachorro brincar com o rabo.” (Odete)

Tais proibições claramente não se limitam à esfera familiar, espelham a ideologia estatal, as construções de gênero e o contexto social da época. De acordo com a somaterapia somente uma mudança na ética de convivência e na comunicação entre os indivíduos pode impedir a “reprodução e perpetuação dos jogos de poder na vida social” (FREIRE, p. 30, 1993).

Contudo, os veículos jornalísticos não contribuem para que sejam realizadas modificações no contexto comunicacional na medida em que introduzem concepções tendenciosas no imaginário social. Conforme Souza (2009), em seu livro *A Ralé Brasileira*, toda a causalidade dos conflitos vivenciados por indivíduos periféricos e marginalizados é obscurecida para que os problemas sociais sejam tratados como desvios individuais – ou seja, caminhando em direção contrária à percepção hologrâmica e dificultando a propagação de responsabilidade social.

Tais veículos, portanto, permanecem sendo uma das faces da engenharia social que produz concepções de mundo fragmentadas e perpetua os jogos de poder na sociedade. Como exemplo, pode-se ressaltar como são produzidas as coberturas jornalísticas sobre a periferia no que tange a violência e a criminalidade. De acordo com Ramos e Paiva (2007) há pouca diversificação nessas coberturas em razão da ausência de vários tipos de fontes, sendo assim, “temas como direitos humanos, violência enquanto fenômeno social, raça e etnia, gênero e violência doméstica, por exemplo, são pouco frequentes” (p. 39) As matérias tendem a ser espetacularizadas,

descontextualizadas e sem pluralidade, o que promove o silenciamento dos grupos minoritários.

Daí que os projetos de comunicação comunitária se mostrem tão necessários, pois através deles se torna possível ouvir e repassar relatos de forma mais humana, possibilitando que se estabeleçam conexões entre comunidades distintas, inclusão comunicacional e difusão de informações aos indivíduos marginalizados. Através disso, pode-se pensar em soluções para problemas emergenciais.

Considerações Finais

Através da análise das entrevistas do projeto Mulheres de Atenas, percebeu-se o quanto a exploração laboral e doméstica marcou a trajetória das balseiras, evidenciando cotidianos que tendem a permanecer invisibilizados, pois tal invisibilização foi construída através de longa jornada sócio histórica, a qual se reflete contemporaneamente. Uma vez que as possibilidades de acesso à educação e à informação das senhoras entrevistadas foram limitadas, assim permanecem na atualidade, como por exemplo, no difícil acesso à internet. Dessa forma, suas pautas e histórias seguem incomunicadas.

Percebe-se, portanto, que os meios de comunicação, além de seguirem propagando normativas comportamentais que limitam as mulheres a posições degradantes, nem sempre fornecem perspectiva de inclusão comunicacional às que se encontram em condições sociais desfavorecidas. Isso acontece tanto no que se refere à exclusão econômica, quanto à exclusão simbólica, pois ao representar a periferia como uma realidade distante e individualizar a história de seus moradores, afasta-se a noção de que a sociedade se constitui como um todo e isenta-se o estado e os demais indivíduos de responsabilidade social.

Nesse sentido, ressalta-se aqui a importância da comunicação comunitária, que conforme Peruzzo (2008) visa estabelecer um canal de expressão de uma comunidade por meio do qual os indivíduos possam manifestar os seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. Sendo assim, entende-se que a análise das produções dessas mulheres através do projeto de comunicação comunitária Mulheres de Atenas pode trazer novos elementos para o debate iniciado nesse artigo, investindo na reflexão sobre

a construção sócio histórica do ser mulher na periferia e criando um meio de difusão de experiências de vida.

Referências

- ALVES, Míriam Cristiane. SEMINOTTI, Nedio. **O Pequeno Grupo e o Paradigma da Complexidade em Edgar Morín**. Psicologia USP, 17(2), p. 113-133, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- FREIRE, Roberto. MATA, João da. **Soma – Vol. 3 Corpo a Corpo** (a síntese da Soma). Guanabara Koogan, RJ, 1993.
- HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de. CONTI, Vivaldo Luiz. **Disseminação da Informação e Usuários**. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 17(3-4): p. 26-34, 2003.
- PAULA, Ana Paes de. MARANHÃO, Carolina Machado. **Opressão e Resistência nos Estudos Organizacionais Críticos**: Considerações acerca do discurso da servidão voluntária e da pedagogia do oprimido. O&S, Salvador, v. 16 n° 14: p. 463 – 477, 2009.
- PERRUZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**: Reelaboraões no setor. Palavra Clave, vol 11, N° 2, dez. 2008.
- RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências da cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: Quem É e Como Vive. Belo Horizonte, UFMG, 2009.
- JEFFREYS, Sheyla. **Gender Hurts: A Feminist Analysis of The Politics of Transgenderism**. Routledge: New York, 2013; 215 p. Disponível em: <http://biblioteca-feminista.blogspot.com.br> (traduzido)